

JAIR BARBOZA

O naufrago da existência

MACHADO DE ASSIS E ARTHUR SCHOPENHAUER

Caricatura, paródia, tragédia e ética animal

Sumário

Nota prefacial – Alumbramento 9

Prólogo 13

PARTE I

Caricatura

1 Machado de Assis e a caricatura 25

2 Quincas Borba como caricatura de Schopenhauer 43

PARTE II

Paródia

3 Machado de Assis e a paródia 59

4 Humanitismo como paródia do pessimismo metafísico 71

5 Justiça eterna 81

6 O Humanitismo é um otimismo 89

PARTE III

Tragédia e ética animal

7	<i>Tatoumes</i>	113
8	Graciliano Ramos e Guimarães Rosa	131
9	Simpatia universal	143
10	O naufrago da existência	151
	Conclusão	163
	Apêndice – Sobre otimismo e pessimismo, um diálogo	165
	Referências	169
	Índice onomástico	173
	Índice de assuntos	175

Alumbramento

Este *O naufrago da existência* nasceu de um alumbramento que tive, em viçosos tempos “idos e vividos”, com a prosa realista do nosso Bruxo do Cosme Velho, Machado de Assis (1839-1908). Ainda adolescente, após ingressar no curso de Filosofia da Universidade de São Paulo (USP), outro alumbramento – por intermédio do pensamento de Nietzsche, devido à obsessão deste pelo autor – com a metafísica de Arthur Schopenhauer (1788-1860). Quer dizer, o que a leitora tem agora em mãos é um ensaio caudatário do diálogo que estabeleci com dois autores diletos que marcaram e marcam a minha vida.

Desses tempos de formação intelectual surgiu, em 1997, o meu livro *Schopenhauer, a decifração do enigma do mundo* (Editora Moderna), cuja parte final – “Conclusão” e “Antologia de textos” – trata da relação das literaturas de Machado de Assis e de Augusto dos Anjos com o pessimismo metafísico de Schopenhauer. Por ocasião de um curso de literatura brasileira que fiz no

Departamento de Letras da referida universidade, sobre contos machadianos, escrevi como trabalho de conclusão de disciplina o artigo, publicado em 2000, “Filosofia schopenhaueriana e literatura machadiana: o conto Noite de Almirante”,¹ no qual efetuei uma aproximação entre os dois autores escolhendo como fio condutor a “Metafísica do amor sexual” de Schopenhauer. Assim, guiado por esse preclaro pano de fundo literário-filosófico, aproveitei cada oportunidade acadêmica, na minha atividade de professor universitário da Pontifícia Universidade Católica do Paraná e da Universidade Federal de Santa Catarina, para, em conferências, simpósios ou orientações de graduação, mestrado e doutorado, chamar teoricamente a atenção do público para a recepção e a assimilação de momentos determinantes do pensamento do filósofo germânico na literatura do genial romancista brasileiro; é o caso da minha palestra na Universidade Estadual de Campinas de 2014 intitulada “Náufrago da existência: o Quincas Borba de Machado de Assis e a filosofia de Schopenhauer”, cujo estofe e título preluíram este livro e o seu capítulo final.² A recepção e a assimilação de Schopenhauer em Machado de Assis podem ser notadas especialmente na crônica “O autor de si mesmo” e nos romances *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Quincas Borba*.

Esse meu convívio dialógico com os dois autores tornou-se uma agradável rotina, praticada, inclusive, em diversos textos apresentados nos encontros bianuais da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (Anpof). Criei, assim, uma curiosidade que, espero, seja agora satisfeita – não só dos que me ouviram naquelas ocasiões, mas também dos neófitos que agora me leem. Em verdade, este ensaio é como o fim da etapa de percurso

em dia ensolarado de um andarilho com a sua sombra. Ensaio cuja originalidade, para além de aproximações e de semelhanças já notadas por estudiosos entre os dois gênios, tem o seu norte em três teses elencadas no prólogo, sustentadas pelas literaturas primárias de Machado de Assis e de Arthur Schopenhauer, que comprovam como o Bruxo do Cosme Velho era um refinadíssimo leitor do grande pessimista alemão e com ele estabeleceu um diálogo que muito agrada espiritualmente. Ademais, penso, todo intelectual brasileiro no fundo do seu imo peito quer em algum instante da vida prestar um tributo ao insigne ficcionista carioca, criador, segundo Drummond, da obra de arte literária mais perfeita que possuímos.

Aqui, pois, o meu tributo, que muito prazer me deu escrever e que, espero, seja o mesmo da leitora ao lê-lo.

Jair Barboza

Água Verde, em Curitiba, outubro de 2021.

NOTAS

- 1 Publicado em *Trans/Form/Ação*, Marília, v.23, p.7-17, 2000.
- 2 Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/ifch/noticias-eventos/eventos/naufrago-existencia-quincas-borba-machado-assis-filosofia-schopenhauer>>. Acesso em: 12 jan. 2022.